



PARLAMENTO DO
MERCOSUL

- Representação Brasileira -

CLIPPING ESPECIAL

Acordo Comercial Argentina China

27.08.2015

Edição e Seleção
Fernanda Preve

Sumário

TELAM	4
Economia.....	4
Timerman recibió al director de la OMC para analizar el estado de las negociaciones	4
LA NACIÓN	4
Economía.....	4
Kicillof, De Vido y Galuccio se reunieron con empresarios chinos	4
VALOR ECONÔMICO.....	5
Brasil.....	5
China ocupa espacio do Brasil na Argentina	5
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	8
Geral	8
Argentina troca Mercosul por asiáticos	8
LA NACION	10
Economia.....	10
Advierte EE.UU. por las trabas al comercio que aplica el país.....	10
TÉLAM	11
China apoyará el ingreso de la Argentina al grupo del Brics.....	12
Crise da Argentina pode abrir espaço para a China	13
O GLOBO	15

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Agronegócios	15
China ultrapassa Brasil na importação de leite da Argentina	15
FOLHA DE S.PAULO	16
Mercado	16
Avanço da China sobre mercado argentino é fato, diz ministério.....	16
FOLHA DE SÃO PAULO	18
Mercado	18
China abocanha fatia do Brasil nas importações da Argentina.....	18
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	19
Opinião.....	19
Avanço chinês na Argentina	19
FOLHA DE SÃO PAULO	21
Mercado	21
Acordo para destravar exportações para Argentina foi concluído, diz ministro	21
CLARÍN.....	23
Política	23
Cristina recibió una invitación oficial para visitar China	23
Crise da Argentina pode abrir espaço para a China	24
O GLOBO	26
Agronegócios	26
China ultrapassa Brasil na importação de leite da Argentina	26
FOLHA DE S.PAULO	27
Mercado	27
Avanço da China sobre mercado argentino é fato, diz ministério.....	27
FOLHA DE SÃO PAULO	29
Mercado	29
China abocanha fatia do Brasil nas importações da Argentina.....	29
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	30
Opinião.....	30
Avanço chinês na Argentina	30
FOLHA DE SÃO PAULO	32
Mercado	32
Acordo para destravar exportações para Argentina foi concluído, diz ministro.....	32
CLARÍN.....	34
Política	34
Cristina recibió una invitación oficial para visitar China	34

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

TELAM

www.telam.com.ar

Economía

Timerman recibió al director de la OMC para analizar el estado de las negociaciones

El canciller Héctor Timerman se reunió con el brasileño Roberto Azevedo, con quien analizó el estado de las negociaciones multilaterales en el marco de la Ronda de Doha.

La Cancillería informó mediante un comunicado que en el encuentro se dialogó sobre el estado actual de las negociaciones en la OMC, en especial luego de la reunión de rango ministerial de Bali.

En el encuentro Timerman explicó la posición argentina con respecto a las futuras negociaciones, que "necesariamente deberían incluir los temas que hacen al establecimiento de una verdadera agenda para el desarrollo, en especial la reducción de los subsidios a la exportación de productos agropecuarios".

El Director General de la OMC se encuentra visitando diversos países para consensuar los próximos pasos en las negociaciones comerciales en el marco de la Ronda de Doha.

Del encuentro también participaron el secretario de Comercio, Augusto Costa; el secretario de Relaciones Económicas Internacionales, Carlos Bianco, el secretario de Coordinación Política, Institucional y Emergencias del Ministerio de Agricultura, Javier Rodríguez y la subsecretaría de Comercio Exterior, Paula Español.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201404/57605-timerman-recibio-al-director-de-la-omc-para-analizar-el-estado-de-las-negociaciones.html>

LA NACIÓN

www.lanacion.com.ar

Economía

Martes 02 de septiembre de 2014 | 17:48

Kicillof, De Vido y Galuccio se reunieron con empresarios chinos

Ocurrió en la sede de la Embajada argentina en China y fue para preparar la reunión que la delegación mantendrá con la Comisión Nacional de Desarrollo y Reforma

El Ministro de Economía y Finanzas, Axel Kicillof y su par de Planificación Federal, Julio De Vido , mantuvieron en Beijing una cena con autoridades del gobierno de China y empresas del sector financiero, con vistas a la profundización de los flujos comerciales entre ambos países.

El encuentro, del cual también participó el presidente de YPF, Miguel Galuccio , tuvo lugar en la sede de la Embajada argentina en ese país y fue preparatorio de la reunión que la delegación mantendrá con el presidente de la Comisión Nacional de Desarrollo y Reforma.

En la ocasión, "se prevé firmar convenios para la cooperación en materia nuclear, tecnológica y energética en general", informaron ambos ministerios en sendos comunicados.

"Otro de los puntos sobresaliente fue la profundización de los flujos comerciales entre ambos países, marcando la complementariedad de los intercambios en diversas áreas", destacó Economía. Respecto al sector nuclear, está previsto firmar el contrato comercial para la provisión del equipamiento y servicios de la central Atucha III, que será la cuarta de nuestro país y se denomina Proyecto Nacional porque tendrá una fuerte participación de tecnología, conocimiento y recursos humanos argentinos.

En forma previa a este encuentro, autoridades de la empresa china CLTC (China Satelite Launch and Tracking Control General) confirmaron al ministro De Vido que la estación para observación del espacio lejano que esta compañía está llevando adelante en la provincia de Neuquén, con una inversión cercana a los 300 millones de dólares, estará en funcionamiento en 2016 y se espera que a fin de año comience la construcción de las antenas. La estación china realizará tareas de monitoreo, control y bajada de datos en el marco del programa de ese país, relativo a misiones para la exploración de la Luna y el espacio.

Fonte: <http://www.lanacion.com.ar/1723852-kicillof-de-video-y-galuccio-se-reunieron-con-empresarios-chinos>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Brasil

China ocupa espaço do Brasil na Argentina

Por Marta Watanabe e Marli Olmos | De São Paulo e Buenos Aires

06/08/2014 às 05h00

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O mau desempenho das exportações brasileiras aos argentinos tem sido creditado à situação econômica do país vizinho, mas estatísticas oficiais do governo argentino indicam que a queda também pode ser resultado de perda de participação de mercado.

Os dados mostram que as importações argentinas originadas do Mercado Comum do Sul (Mercosul) caíram 18% no primeiro semestre de 2014, na comparação com igual período de 2013. As importações vindas da China cresceram 2% e as provenientes do Nafta, bloco formado por Estados Unidos, Canadá e México, tiveram alta de 9%. Isoladamente a China já tem fatia bem próxima à dos três países do Nafta juntos - cerca de 16% - nos desembarques totais argentinos. A importação total da Argentina em igual período caiu 8%. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, a exportação brasileira para os argentinos caiu 20,4% na mesma comparação.

Para analistas, os números são resultado de uma pauta brasileira para a Argentina altamente concentrada em automóveis, partes e peças. Além disso, a estratégia comercial, com busca por parceiros mais fortes e com facilidade de financiamento, favorece os fornecedores da China e do Nafta, em detrimento dos sócios do Mercosul.

O avanço da China é puxado por duas categorias de uso: bens de capital, com alta de 11%, e bens intermediários, com elevação de 10%. Nas duas categorias as importações argentinas do Mercosul caíram 21% e 7%, respectivamente. Os países do Nafta também conseguiram elevar a exportação de bens de capital aos argentinos, com alta de 66% de janeiro a junho.

Como resultado, os chineses e os países da América do Norte avançaram no mercado de bens de capital importados pelo sócio brasileiro no Mercosul. A importação argentina desse tipo de bem com origem no Nafta alcançou 20,9% do total de US\$ 5,91 bilhões em máquinas e equipamentos importados pela Argentina no primeiro semestre de 2014.

No ano passado, a fatia dos bens de capital provenientes do Nafta era mais modesta, de 13,4%. No mesmo período, as máquinas e equipamentos feitas na China avançaram de 24,3% para 25,4%. Não foi um ganho tão grande, mas na mesma comparação o Mercosul perdeu participação, com queda de 25,7% para 19%.

Para José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), o controle das importações e da liberação de dólares favorece a compra de fornecedores com maior capacidade de financiamento próprio. Esse é o caso principalmente dos exportadores chineses. "Essa facilidade faz com que o fornecedor da China ofereça maior flexibilidade para prazos de pagamento em troca da oportunidade de ganhar mercado", diz Castro.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Os chineses conseguiram elevar em 10% a venda de produtos intermediários aos argentinos de janeiro a junho, contra iguais meses do ano passado, mesmo com a queda de 3% na importação desse tipo de produto pela Argentina, no mesmo período. A importação de intermediários com origem no Mercosul caiu 7%.

"Os dados levam a uma reflexão. Até que ponto o Mercosul é mesmo tão importante para o Brasil?", questiona Castro. A ideia que se tem, diz ele, é que o Mercosul garantiria uma espécie de reserva de mercado para o Brasil na exportação para os argentinos. "Mas não é bem isso que tem acontecido."

O Brasil, lembra Castro, perdeu espaço nas importações do país vizinho por conta da queda da importação de automóveis. O setor automotivo é um dos que mais sofrem tanto pelas restrições do governo argentino à entrada de produtos estrangeiros como pela queda de demanda provocada pela crise.

O desembarque de automóveis no país caiu 35% no primeiro semestre, em relação a iguais meses de 2013. Os carros importados do Mercosul caíram 23%. O bloco representou 77,7% das importações argentinas de veículos de janeiro a junho. A venda de intermediários e de bens de capital, diz Castro, poderia compensar para o Brasil ao menos parte da perda de divisas com exportação de carros.

"A desaceleração das vendas de veículos no mercado argentino atinge o Brasil", afirma o economista Ricardo Delgado, da consultoria Analytica, de Buenos Aires. Segundo ele, nesse caso não se trata de a China ter ocupado o espaço brasileiro nas vendas do setor. Os produtos chineses que entram no mercado argentino estão mais relacionados a eletrônicos, o que não é uma competência de países do Mercosul."

O setor automotivo foi o primeiro a sofrer com o início da recessão argentina, que começou a aparecer com a contração do PIB em 0,8% no primeiro trimestre na comparação com os últimos três meses de 2013. A produção de veículos, altamente dependente de componentes produzidos no Brasil, registrou queda de 19,8% em junho, na comparação com igual mês do ano passado. No mercado interno, as vendas das montadoras para os revendedores caíram 40%, segundo a Adefa, entidade que representa fabricantes argentinos.

Já a China vende para os argentinos produtos de menor valor agregado. Componentes para uso em eletrônicos e celulares ficaram com a maior fatia das exportações da China para a Argentina em 2013. O país sul-americano gastou US\$ 4,21 bilhões com esses produtos, o que representou 37% do total de US\$ 11,312 bilhões que o país asiático exportou para o mercado argentino,

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

segundo dados da consultoria Abeceb, com base nas informações do Ministério da Economia argentino. A fatia dos eletrônicos é bem maior do que a de outros segmentos, como produtos têxteis, brinquedos, autopeças, e peças para equipamentos fotográficos, além de plásticos, com participações entre 2% e 4% cada um.

A China parece menos prejudicada dos que os outros países na política de restrições às importações do governo de Cristina Kirchner. O valor anual de embarques de produtos chineses praticamente duplicou nos seis últimos anos. Ao mesmo tempo, as exportações argentinas para o país asiático, sustentadas pela soja, ficaram estagnadas. Isso fez com que a balança comercial entre os dois países revertesse em favor dos chineses nos seis últimos anos.

"É natural que as restrições às importações tenham prejudicado mais o Brasil, que é um grande fornecedor, com produção integrada em alguns setores", diz Rodrigo Branco, pesquisador do Centro de Estudos de Estratégias de Desenvolvimento (Cedes/Uerj). Para ele, a maior entrada de bens chineses também pode ser creditada aos investimentos dos países asiáticos na Argentina, muitas vezes atrelados a compras de bens de capital e insumos da China. "De qualquer forma, a perda de participação será de difícil recuperação."

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3641456/china-ocupa-espaco-do-brasil-na-argentina#ixzz39bz6NX1X>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Geral

Argentina troca Mercosul por asiáticos

Países do Sudeste Asiático, junto com China, Coreia, Japão e Índia, superam bloco sul-americano como principal parceiro comercial

ARIEL PALACIOS - O ESTADO DE S.PAULO

27 Agosto 2014 | 02h 05

BUENOS AIRES - O Mercosul, bloco criado há 23 anos, não é mais o principal sócio comercial da Argentina. Isso é o que indicam os dados do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec), que apontam os países da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) - integrado pela Indonésia, Malásia, Cingapura, entre outros - junto com a China, Coreia do Sul, Japão e Índia como destinatários de 25% das exportações da Argentina.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

No mês passado o Mercosul foi responsável pelas compras de 23,5% dos produtos argentinos enviados ao exterior. É a primeira vez desde a fundação do bloco em 1991 que o Mercosul fica em segundo posto no destino das exportações argentinas. A União Europeia, que obteve o terceiro lugar, absorveu 12% das vendas argentinas.

O bloco do cone sul também deixou de ter a pole position nos destinos das importações feitas pela Argentina, já que do total de produtos comprados pela Argentina, 23% vieram dos países da Asean, China, Coreia do Sul, Japão e Índia. Outros 21,5% dos importados vieram do Mercosul e 19% dos países do Nafta. Segundo o Indec, em julho as exportações argentinas para a China aumentaram 77% em comparação com o mesmo mês de 2013, enquanto as vendas da Argentina para o Brasil sofreram queda de 18%.

Os dados do Indec também indicam que as importações argentinas de produtos brasileiros caíram 31% em julho, enquanto a entrada de produtos chineses teve redução de 12%.

Protecionismo. Segundo o ex-secretário de indústria Dante Sica, diretor da consultoria econômica Abeceb, essa queda de status do Mercosul "deve-se a uma bateria de fatores, entre eles o fato de que as economias da Argentina e do Brasil estão desacelerando. E, dessa forma, o nível de comércio diminui". Mas, segundo Sica, o comércio entre a Argentina e os sócios do Mercosul "também foi reduzido por causa da política de restrições às importações implementada pelo governo da presidente Cristina Kirchner".

Além disso, afirma o economista, o governo argentino restringe o acesso aos dólares, medida que complica as compras de produtos importados. "E, de quebra, a Argentina tem problemas para conseguir financiamento no exterior. O único país que está abrindo linhas de crédito é a China."

No entanto, segundo Sica, o deslocamento do Mercosul do primeiro posto no destino das exportações argentinas não está vinculado a um plano do governo Kirchner. "Não foi planejado. Simplesmente aconteceu. Mas torna-se uma tendência."

Nos últimos anos os produtos asiáticos deslocaram gradualmente as mercadorias brasileiras no mercado argentino. Entre os setores conquistados pelos asiáticos estão os de calçados, eletrônicos, autopeças e bens de capital, além de artefatos elétricos.

No Mercosul - na teoria - teria de predominar o livre-comércio. No entanto, desde 2004 - e com mais intensidade desde 2009 - o governo Kirchner aplica medidas protecionistas, especialmente contra seus sócios do Mercosul, o que gera constantes reclamações do empresariado de Uruguai, Paraguai e Brasil. Os governos em Assunção e Montevidéu também protestam com frequência

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

contras as barreiras argentinas, enquanto o governo do Brasil assume posições mais benevolentes com o protecionismo.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,argentina-troca-mercosul-por-asiaticos-imp-1550189>

LA NACION

www.lanacion.com.ar

Economía

Advierte EE.UU. por las trabas al comercio que aplica el país

Dijo que si el Gobierno apela ante la OMC, presionará para que cambie de política

Por Silvia Pisani | LA NACION

WASHINGTON.- La administración norteamericana afirmó que las restricciones comerciales que "aún mantiene" la Argentina constituyen "una de las prácticas más repulsivas" en materia de violación de las normas internacionales de comercio, y advirtió que aplicará "toda su presión" para que las modifique. La dura calificación constituye todo un varapalo para el Gobierno, que intenta seducir a este país para lograr comprensión en su batalla judicial contra los llamados fondos buitre.

Es también una curiosa vuelta en contra de los términos en los que el gobierno de Cristina Kirchner basa esa ofensiva.

Así como la Casa Rosada insiste en que un triunfo de los fondos demandantes tendría "consecuencias negativas en el sistema financiero internacional", del mismo modo, la administración norteamericana entiende que dejar que la Argentina mantenga sus trabas al comercio exterior sería "igualmente perjudicial" y "un mal mensaje" a quienes respetan las normas internacionales en la materia.

Esas calificaciones se desprenden de comentarios de las máximas autoridades y de fuentes de la Oficina del Representante Comercial de los Estados Unidos (USTR, por sus siglas en inglés), a las que tuvo acceso LA NACION. Es su forma de explicar como "una victoria de suma importancia" el fallo que el viernes pasado produjo la Organización Mundial del Comercio (OMC) contra el país por la aplicación de barreras comerciales, y que el Gobierno ya anticipó que apelaría.

Más allá de que eso suceda, en el gobierno de Obama existe la certeza de que la Argentina aplica "políticas violatorias" y "represalias desagradables" en materia comercial, y confía en que las revierta. De lo contrario, está dispuesto a usar toda su capacidad de presión para lograrlo. Por lo

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

pronto, Michael Froman, titular del USTR, sostuvo que la sanción a la Argentina "es la tercera victoria más importante" que en esa materia logra Washington en lo que va del año, luego de otras dos aplicadas contra China.

"Ésta es una victoria que debe dejar claro que la administración Obama espera que sus socios comerciales se comporten con respeto a las normas internacionales. De lo contrario, que se sepa que si no son capaces de revertir las cosas por la vía del diálogo -como fue el caso de la Argentina- tomaremos las acciones que sean necesarias para que esas normas sean respetadas", advirtió.

El tono de Froman no dejaba lugar a dudas. En el pasado fue asesor personal de Obama en materia económica, posición en la que le tocó atender la queja de empresarios norteamericanos con intereses en la Argentina contra las prácticas impulsadas por el ex secretario de Comercio Interior Guillermo Moreno.

Más allá de la interpretación que dio Froman a la reciente sanción de la OMC, fuentes de su cartera calificaron de modo muy duro la permanencia de esas barreras para la exportación de bienes.

"Figuran entre las medidas de restricción más repugnantes" que pueden existir, dijeron fuentes de esa oficina. En la agencia existe certeza de que el esquema de acción de Moreno se mantiene vigente.

Mencionaron, entre otras, la compulsión a que un comerciante "exporte por igual volumen" de lo que importa, o que realice inversiones en la Argentina como requisito para lograr licencias de importación, así como restricciones para acceder a las divisas que genera su operación.

"El diagnóstico es que la Argentina sigue aplicando restricciones y que siguen siendo una barrera importante" para la exportación de bienes norteamericanos, explicó una fuente. El USTR recordó que el fallo contra la Argentina fue promovido en sintonía con Japón y con la Unión Europea (UE).

La expectativa aquí es que si el Gobierno apela ese recurso sea denegado y por fin el país se avenga a "respetar" las normas internacionales.

Fonte: <http://www.lanacion.com.ar/1721990-advierte-euu-por-las-trabas-al-comercio-que-aplica-el-pais>

TÉLAM

<http://www.telam.com.ar>

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

09.07.2014 - 12:57

AVAL

China apoyará el ingreso de la Argentina al grupo del Brics

El país asiático impulsará a la Argentina para entrar al grupo de potencias emergentes, tal como lo hace también respecto a México, Indonesia y Australia, según explicó un alto funcionario de la Cancillería china.

Horacio Raña

"El Brics va a favorecer a los países en vías de desarrollo y los de mercados emergentes bajo las actuales circunstancias, para intensificar su unidad y capacidad de colaboración entre sí- aportando a la inclusión, apertura y estabilidad de la economía y financiamiento del mundo", sostuvo Li Baorong, subdirector General de América Latina y el Caribe de la Cancillería china.

El Brics es un acrónimo que identifica a Brasil, Rusia, India y China y Sudáfrica, países que se sumó en último término En declaraciones a Télam, el funcionario agregó que "bajo este mecanismo de la unidad a través de consultas, China mantendrá una actitud abierta tanto sobre la cooperación como en el aumento de sus miembros, en este caso Argentina".

Los Brics es un acrónimo que identifica a Brasil, Rusia, India y China y Sudáfrica, países que se sumó en último término.

Las declaraciones del alto funcionario en Beijing se producen pocos días antes de que el presidente chino, Xi Jinping, llegue a la Argentina en visita oficial acompañado por un centenar de empresarios.

Precisamente, en el encuentro que Xi mantendrá con la presidenta argentina Cristina Fernández de Kirchner se tratará una posible multimillonaria inversión china en obras de infraestructura de dos represas hidroeléctricas en Santa Cruz, y la modernización del ferrocarril Belgrano Cargas.

"Las empresas chinas tienen la voluntad de participar en la cooperación de infraestructura en un país como Argentina", afirmó el funcionario en una cómoda sala de reuniones de la sede de la Cancillería china.

"Por tal razón, las empresas e instituciones financieras de ambas partes están realizando activas negociaciones para lograr el acuerdo final de cooperación de estos proyectos y así- iniciar las obras", explicó.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Li aseguró que China tiene "mucha experiencia" en infraestructura de represas, ferrocarriles de alta velocidad y carreteras, al tiempo que cuenta "con alta tecnología y capacidad de finalización de obra, así como experiencia en administración".

"Lo importante -finalizó- es elevar la capacidad de la construcción de la infraestructura en América Latina y el Caribe", porque en el futuro éste será otro punto alto de la cooperación.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201407/70470-argentina-brics-china-desarrollo-mercados-emergentes.html>

Crise da Argentina pode abrir espaço para a China

ALEXA SALOMÃO, JOSETTE GOULART - O ESTADO DE S.PAULO

03 Agosto 2014 | 02h 04

Enquanto exportações brasileiras tendem a cair quase 30% no ano, chineses ampliam parceria para vender sem que Argentina use dólar

A queda nas exportações brasileiras para a Argentina deve se acentuar ainda mais até o fim do ano em função do estado de calote que o país vive. Até julho, as vendas caíram 22,6% e, nas estimativas da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), esse porcentual pode chegar a 27%. Em contrapartida, teme-se que a competição com a China, que já não é fácil, se acirre.

Os chineses vinham aproveitando o momento de crise para ganhar espaço. No mês passado, durante a visita do presidente chinês, Xi Jinping, ao país, os chineses se comprometeram a investir US\$ 7,5 bilhões em hidrelétricas e liberar a compra de US\$ 11,5 bilhões em produtos chineses com pagamentos a serem feitos em yuan, a moeda chinesa.

Após o calote, o crédito deve ficar mais escasso, e os chineses podem aproveitar o momento para oferecer financiamento aos argentinos sob a condição de vender mais produtos ao país. "Eles têm reservas de trilhões de dólares e não teriam o menor problema para dar financiamento", diz o presidente da AEB, José Augusto de Castro.

O avanço chinês já prejudica setores como o de calçados. O Brasil, colega de Mercosul, já exportou US\$ 200 milhões em calçados para a Argentina. Neste ano, porém, deve vender pouco mais de US\$ 50 milhões. No primeiro semestre, as vendas caíram 39%. No entanto, as importações de outros países fora do bloco, em especial da China, cresceram 11,4% em receitas, chegando a US\$ 79,5 milhões.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Restrição. A redução do comércio entre os dois países se deu, em boa parte, pelas dificuldades que o próprio governo argentino impôs. Uma série de formulários passaram a ser exigidos. Entre eles, a Declaração Juramentada Antecipada de Importação, que nem é prevista nas regulamentações da Organização Mundial do Comércio (OMC) e visa a garantir a política do "uno por uno" - para cada dólar importado, um deve ser exportado. No mês passado, novos documentos da Receita Federal foram acrescentados à lista de exigências, tornando o processo ainda mais moroso.

"As restrições impostas pelo governo argentino levaram muitas empresas a suspender os negócios, mas agora o problema também é macroeconômico: a demanda vai cair", diz o diretor de negociações internacionais da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo(Fiesp), Mario Marconini.

O presidente da Câmara de Comércio Argentino- Brasileira de São Paulo, Alberto Alzueta, diz que o fluxo financeiro para o país deve cair e, com isso, o governo argentino tende a eleger a importação de itens mais essenciais, como energia e insumos, deixando importações dos manufaturados de lado.

Para o Brasil, neste momento em que a economia patina, a perda de espaço no mercado argentino piora o cenário do lado de cá da fronteira. A Argentina é o terceiro parceiro comercial do País e 90% das vendas são de bens manufaturados, como automóveis, máquinas e equipamentos, calçados e vestuário. A queda na demanda afeta, portanto, diretamente a indústria, que não vive um bom momento. A produção industrial brasileira caiu 1,4% em junho em relação a maio.

Foi o quarto mês seguido de retração e o pior resultado no ano, segundo o IBGE. Automobilístico. Para se ter uma ideia da importância do mercado argentino, cerca de 15% de toda a produção nacional de automóveis é destinada ao país vizinho. "Vai sobrar mais carro nos pátios", diz um executivo do setor. "E é bom lembrar que já estamos dando férias coletivas porque a demanda interna também está fraca."

As exportações de automóveis caíram mais de 30% neste ano e a expectativa é de que caiam mais. Mas os executivos do setor lembram que este já era um cenário difícil antes do anúncio do calote na quarta-feira. Os preços dos automóveis vinham subindo na Argentina cerca de 35% e enfraquecendo a demanda interna.

Com o calote, a situação piora. A indústria de máquinas, por exemplo, sofria menos. As vendas para a Argentina caíram pouco, menos de 2%. A expectativa agora é que a queda chegue a 4% até o fim do ano, segundo o presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), José Velloso Dias Cardoso. Isso fará com que a queda na produção brasileira,

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaoMercosul

antes prevista para 13%, aumente para 15%.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,crise-da-argentina-pode-abrir-espaco-para-a-china-imp-,1538064>

O GLOBO

<http://oglobo.globo.com/>

Agronegócios

China ultrapassa Brasil na importação de leite da Argentina

Agencia Estado

02/05/2014 10h50 - Atualizado em 02/05/2014 10h50

Buenos Aires, 02 - As exportações de leite da Argentina cresceram 50% no primeiro trimestre de 2014 ante o mesmo período de 2013, e atingiram US\$ 235 milhões, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec). O Brasil, mercado tradicional para o leite argentino, foi substituído pela China na terceira posição. O país asiático absorveu 6.056 toneladas do produto, depois da Argélia (14.812 t) e Venezuela (12.654 t). No período, o Brasil recebeu da Argentina 5.135 t, volume bem distante da cota acertada de 10.800/t a que a Argentina teria direito de colocar no mercado brasileiro, conforme acordo bilateral do setor privado.

O acordo que estipula uma cota mensal de 3.600/t foi prorrogado na última segunda-feira, 28, durante reunião da Comissão Nacional de Pecuária de Leite da Confederação de Agricultura e Pecuária(CNA) e do Centro da Indústria Leiteira (CIL) da Argentina, em Brasília. 'Queriam elevar a cota para 4.500 t, mas argumentamos que não tem sentido aumentar uma cota se não podem cumprir a que já está estabelecido', disse ao Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, o presidente da comissão brasileira, Rodrigo Alvim.

O Brasil queria reduzir o volume a 3.000/t mensais sob o argumento de que a produção nacional vai crescer 10% e há dúvidas sobre se o mercado consumidor acompanhará esse crescimento. 'Foi a segunda reunião. A primeira aconteceu em Rosario (Argentina), em março, e a conversa foi demorada. Mas nos comprometemos a prorrogar o atual acordo de 3.600', detalhou Alvim.

'Seria melhor que o Brasil comprasse mais leite da Argentina, mas o que observamos é que vem substituindo o leite argentino pelo uruguai', reclamou o gerente da CIL, Aníbal Schaller. Segundo ele, a pauta importadora brasileira de leite era 60% de origem argentina e 40% uruguai, agora mais da metade é do Uruguai. Ele reconheceu que seu país tem tido problemas com atrasos

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

burocráticos no processo de liberação de licenças de exportação e outros fatores que contribuíram para a perda de mercado no Brasil. Entre ele, os preços relativos.

Enquanto o Brasil paga entre US\$ 4.300 a US\$ 4.800 pela tonelada, a Venezuela, Argélia e China pagam entre US\$ 5.000/t a US\$ 5.200/t. 'Nesse último mês houve uma certa reativação do comércio com o Brasil, ao preço de US\$ 4.030/t', disse Schaller, ressaltando que a produção argentina também sofreu um retrocesso em torno de 2% neste quadrimestre, o que deixa menor volume disponível para exportação.

O executivo observou que a indústria local está preocupada com a retração da demanda brasileira, mas admitiu que o setor exportador 'busca canalizar as vendas para o mercado que paga o melhor preço'. Para o setor privado brasileiro, a posição dos sócios é interesseira. 'Se o consumo brasileiro dependesse do abastecimento complementar da Argentina, estaríamos com problemas', alfinetou Alvim. Ele disse que a 'Argentina só entende o Mercosul como uma via de mão única'.

'Quando convém exportar para o Brasil, exportam tudo, mas quando não convém, como por questão de preço, exportam para outros países', apontou. Ele recordou que em janeiro de 2009 a Argentina teve problemas de excesso de leite e despejou no mercado brasileiro 10.000/t. Por isso, foi feito um acordo de cotas em abril daquele ano, com um volume de 3.000/t.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2014/05/china-ultrapassa-brasil-na-importacao-de-leite-da-argentina.html>

FOLHA DE S.PAULO

<http://www1.folha.uol.com.br>

Mercado

Avanço da China sobre mercado argentino é fato, diz ministério

RENATA AGOSTINI, DE BRASÍLIA

13/05/2014 02h00

Para o governo, o avanço da China no mercado argentino, maior destino dos manufaturados do Brasil, é uma realidade que o país terá de enfrentar daqui em diante.

"O advento da China como grande ator no comércio internacional é um fato, um dado da realidade. Desejamos sempre vender e comprar mais da Argentina, mas uma série de motivos fazem com que a China entre nos mercados cada vez mais", afirmou à Folha o secretário de

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

comércio exterior, Daniel Godinho, do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

A participação do Brasil no mercado argentino ficou em 25% no primeiro bimestre. Há dez anos, era de 36%. Já a China terminou fevereiro com 18% de participação, contra 5% em 2005.

"Já tivemos um patamar maior, mas considero uma boa participação", disse Godinho, lembrando que o país segue com o posto de maior fornecedor de mercadorias aos argentinos.

Segundo ele, a China está tirando mercado "não só do Brasil". Ele afirmou que a perda de espaço ocorreu especialmente em 2012 devido a problemas comerciais pontuais como o término de contratos de aeronaves, a queda do preço do minério de ferro e a redução na produção de petróleo.

Neste ano, contudo, os fabricantes brasileiros voltaram a ter dificuldades. Até abril, a redução nas vendas chegou a US\$ 1 bilhão –ou 20% em relação a 2013.

Além do desaquecimento da demanda interna, os importadores argentinos enfrentam dificuldade para ter acesso a dólares. O problema vem fazendo com que o governo brasileiro negocie medidas com a Argentina para destravar as vendas.

COOPERAÇÃO

O MDIC espera avançar neste ano em seu programa de facilitação de comércio e se prepara para dar auxílio técnico e até mesmo financeiro a países em desenvolvimento interessados em desenvolver sistemas como o "portal único", lançado no mês passado.

O país firmou acordo com o Fórum Econômico Mundial, que escolheu a plataforma brasileira como modelo.

Godinho afirma que já houve consultas de países africanos e asiáticos sobre a possibilidade de parceria. No ano passado, os países-membros da OMC (Organização Mundial do Comércio) se comprometeram a adotar medidas de simplificação do comércio exterior, mas muitos não têm estrutura para fazê-lo.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1453402-avanco-da-china-sobre-mercado-argentino-e-fato-diz-ministerio.shtml>

FOLHA DE SÃO PAULO

<http://www1.folha.uol.com.br>

Mercado

China abocanha fatia do Brasil nas importações da Argentina

RENATA AGOSTINI, DE BRASÍLIA

19/04/2014 02h30

A crise econômica na Argentina vem batendo mais forte no Brasil do que em outros parceiros comerciais do vizinho, enquanto a China aboca a fatia brasileira no mercado argentino.

Os produtos chineses mais que triplicaram sua participação nos últimos dez anos, segundo estudo feito pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) a pedido da Folha.

O Brasil chegou a responder por 36,5% de tudo o que os argentinos compravam do exterior, em 2005. No ano passado, tinha 26,5% –no primeiro bimestre deste ano, a fatia já caiu para 24,8%.

Os chineses são de longe os que mais avançaram no período, atropelando não só a indústria brasileira mas também a americana. Apesar dessa ofensiva asiática, a União Europeia também conseguiu ampliar sua fatia.

O movimento é preocupante diante da importância do mercado argentino, que consome do exterior essencialmente produtos industrializados. É para lá que vai a maior parte dos manufaturados, os bens mais elaborados da indústria brasileira.

Por essa razão, o mau desempenho na Argentina acaba tendo efeito significativo no resultado comercial do Brasil. No primeiro trimestre deste ano, a queda nas vendas para os argentinos representou mais de um quarto do tombo de US\$ 1,5 bilhão das exportações totais de manufaturados brasileiros.

"Estamos perdendo nosso mercado na América Latina. Nossa competitividade é colocada à prova a toda hora. Temos de ter preço e ampliar nossa relação com outros parceiros", diz Carlos Abijaodi, diretor de Desenvolvimento Industrial da CNI.

Dos 10 setores que mais exportam para a Argentina, 9 apresentaram queda nas vendas desde 2011, quando houve recorde nas exportações brasileiras para o país.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Se o país tivesse mantido a participação que detinha em 2011 no mercado argentino, teria US\$ 2,2 bilhões a mais em exportações no ano passado, aponta o estudo –o suficiente para quase dobrar o saldo comercial de 2013.

PEÇAS X PRODUTOS

Além da conhecida competitividade dos vendedores chineses, que oferecem preços baixos e têm acesso a farto financiamento à exportação, o perfil dos bens oferecidos pela China favorece a conquista do mercado de lá.

"Os produtos brasileiros ficaram mais caros. Além disso, o Brasil vende veículos e equipamentos acabados, as compras se ressentem mais. A China vende essencialmente peças", diz Matías Carugati, economista-chefe da consultoria argentina M&F.

As peças chinesas baratas viram produtos fabricados localmente. Não por acaso, um dos setores que mais perderam espaço na Argentina foi o de equipamentos eletrônicos e de informática. O país vizinho incentivou novas fábricas, o que fechou o mercado para os brasileiros.

A exportação de celulares, por exemplo, que chegou a US\$ 740 milhões, despencou para US\$ 200 mil em 2013. Segundo a Abinee, que representa o setor, multinacionais como Nokia e Samsung, que usavam o Brasil como base para a região, agora atendem só o mercado doméstico.

"O Brasil vem adotando uma paciência estratégica com o Mercosul e isso fez com que perdêssemos posições", avalia Humberto Barbato, presidente da entidade.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/04/1442731-china-abocanha-fatia-do-brasil-nas-importacoes-da-argentina.shtml>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Opinião

Avanço chinês na Argentina

08/ago/2014

Costuma-se atribuir à crise econômica da Argentina a significativa queda das exportações do Brasil àquele país verificada nos últimos tempos. Embora seja uma boa explicação, trata-se apenas de uma parte do problema, não só porque a crise parece atingir majoritariamente a importação de

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

produtos brasileiros, como porque a China está tomando cada vez mais o espaço comercial antes ocupado pelo Brasil no mercado vizinho.

O valor dos embarques da China para a Argentina dobrou em seis anos, segundo o jornal Valor, que usou estatísticas oficiais argentinas. A China já é o segundo maior exportador para a Argentina, com 15% do total, atrás do Brasil, com 26%.

Por conta da crise, a Argentina reduziu suas importações globais em 8% no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo intervalo de 2013, mas a compra de produtos chineses cresceu 2% naquele período. Mesmo as vendas do Nafta, bloco integrado por Estados Unidos, Canadá e México, cresceram 9%. Já as importações argentinas de produtos do Mercosul caíram 18%. A queda das vendas de produtos brasileiros foi ainda maior, atingindo 20,4%. Somente em julho passado, o recuo foi de 33,5%.

É ao Brasil, portanto, que cabe a maior parte da conta do ajuste argentino, pois o vizinho é um dos principais mercados consumidores dos produtos brasileiros, especialmente veículos e autopeças - cujas vendas para a Argentina caíram espantosos 57,6% no mês passado, apesar da renovação do acordo automotivo muito vantajoso para os argentinos.

A China entra no mercado argentino basicamente com bens de capital (máquinas e equipamentos) e bens intermediários (manufaturados ou matérias-primas usados na produção de outros bens). A Argentina ampliou em cerca de 10% a importação desses produtos chineses, enquanto reduziu as importações do Mercosul em 21% no primeiro caso e em 7% no segundo.

Essa realidade diz respeito tanto à situação precária da Argentina e à agressividade chinesa quanto à falta de competitividade brasileira e à teimosia do governo petista - que se mantém apegado a compromissos políticos e ideológicos com um vizinho que não se constrange em afrontar as regras do Mercosul quando elas não atendem a seus interesses.

Ao mesmo tempo que impõe diversos empecilhos para os negócios com os brasileiros e para que o Mercosul deslanche, a Argentina, no mês passado, transformou a China em "aliado integral", categoria que até então era reservada apenas ao Brasil.

Na recente visita que fez a Buenos Aires, o presidente chinês, Xi Jinping, firmou um acordo para financiar a reforma do sistema de transportes da Argentina - que receberá trens chineses - e para construir duas hidrelétricas, tudo a um custo de US\$ 75 bilhões. Além disso, ofereceu uma linha de crédito para importar produtos agrícolas argentinos, no valor de US\$ 11 bilhões.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

São esses investimentos e essa capacidade de financiamento, com os quais o Brasil não pode competir, que garantem à China condições privilegiadas quando negocia a venda de seus produtos à Argentina. Em alguns casos, os contratos de investimento chineses embutem a contrapartida da compra de seus produtos. Dispondo de mais de US\$ 3 trilhões em reservas, a China está confortável para oferecer financiamento aos argentinos, que enfrentam crescente escassez de dólares para fazer seus negócios.

Mas não é apenas o poder financeiro chinês que está fazendo a diferença. Some-se a ele a incapacidade do governo petista de tratar a relação com a Argentina de forma pragmática. Os erros da atual administração resultaram na excessiva dependência do mercado argentino, especialmente para a venda de veículos e autopeças. Sem observar os reais interesses nacionais, o governo petista vem cedendo a todas as chantagens argentinas nas negociações comerciais, pois acredita que, como "líder regional", deve ser benevolente com seus parceiros de Mercosul.

Enquanto isso, os chineses estão cada vez mais à vontade na Argentina.

Fonte: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,avanco-chines-na-argentina-imp-,1540700>

FOLHA DE SÃO PAULO

Mercado

Acordo para destravar exportações para Argentina foi concluído, diz ministro

RENATA AGOSTINI, DE BRASÍLIA

08/05/2014 16h13

O acordo com a Argentina para destravar as exportações brasileiras para o país foi finalizado, afirmou o ministro Mauro Borges (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) nesta quinta-feira (8). Segundo ele, o governo vizinho se comprometeu a não impedir o acesso a dólares por parte dos importadores de veículos e autopeças.

Com isso, as vendas do setor automotivo, que representam mais da metade das exportações para os argentinos, ficariam garantidas. "O governo argentino concordou que o depósito das importações fosse feito à vista no banco central para posterior transformação em dólar. Uma vez que isso ocorreu, não resta nenhum problema. A conversão cambial é obrigação por lei e o banco central vai honrar essa obrigação" , afirmou.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

DÓLARES

A Argentina convive hoje com a escassez de dólares na economia. Com isso, os importadores do país passaram a ter dificuldades para honrar o pagamento das compras de produtos brasileiros. Com o acordo, os argentinos se comprometem a não impedir o acesso à moeda para as compras do setor automotivo.

Segundo apurou a Folha, ficou acertado a liberação dos pedidos atualmente em atraso e foi estabelecido um cronograma de desembolsos até o final deste ano.

Diante do entendimento, o sistema de garantias à exportação formatado pelo governo brasileiro ficará suspenso.

O modelo, que previa um prazo de pagamento de até quatro meses, só entraria em vigor se o governo argentino aceitasse bancar o risco cambial das operações, assumindo a dívida dos importadores argentinos ou emitindo títulos.

Os argentinos não aceitaram a proposta, que garantiria até US\$ 3 bilhões em exportações ao ano, e preferiram prometer ao Brasil a liberação dos dólares para as operações de compra de veículos e autopeças.

NOVO ACORDO AUTOMOTIVO

Os dois países ainda se debruçam, contudo, sobre as condições do novo acordo automotivo, que vence no final de junho.

Sem novo acordo, acabaria o livre comércio e a alíquota de 35% cobrada dos países fora do bloco passaria a incidir também sobre veículos e peças argentinos e brasileiros.

A proposta do Brasil é estendê-lo por mais um ano. Segundo o ministro, o prazo é suficiente para que um acordo definitivo seja elaborado.

O impasse está na definição do sistema conhecido como "flex", que vigorava no acordo até o ano passado.

Ele estabelecia que, para cada US\$ 1 milhão em veículos argentinos exportados ao Brasil, as fábricas brasileiras poderiam vender até US\$ 1,95 milhão aos argentinos sem impostos.

Os argentinos pedem que o sistema seja novamente incluído, mas de forma mais restritiva. A proposta é que o Brasil fique isento de tarifas até US\$ 1,3 milhão em embarques, frente aos US\$ 1,95 milhão antes permitidos.

Borges afirma que a relação de 1,30 para o flex seria muito baixa e não daría conforto aos fabricantes brasileiros. Mas é otimista em relação às tratativas.

"É mais do que justo que os países defendam suas posições, mas temos condições de chegar a um acordo", disse.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1451368-acordo-para-destravar-exportacoes-para-argentina-foi-concluido-diz-ministro.shtml>

Argentina

CLARÍN

<http://www.clarin.com/>

Política

Cristina recibió una invitación oficial para visitar China

Relaciones internacionales.

La envió el presidente Xi Jinping. De realizarse, el viaje será en una "fecha a convenir".

El presidente de China, Xi Jinping, invitó a visitar su país a la presidenta Cristina Kirchner. En una carta dirigida a la Cancillería, el mandatario del gigante asiático habló de "una fecha a convenir" y, según informó Cancillería argentina, ratificó su intención de trabajar "para llevar adelante sin cesar la asociación estratégica integral".

Xi Jiping dedicó unas líneas, además, a desearle una pronta recuperación de la Presidente tras el cuadro de sigmoiditis.

El Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto recibió la misiva en la que el mandatario chino le extiendió a su par argentina sus "sinceras expresiones de solidaridad" y en la que además le asigó "suma importancia al desarrollo de las relaciones bilaterales" entre los dos Estados.

Asimismo, Xi Jinping recordó que el 29 de octubre mantuvieron una conversación telefónica en la que intercambiaron opiniones sobre "cooperación pragmática bilateral" y reveló que "últimamente,

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

los organismos concernientes de ambas partes han mantenido estrecha comunicación y coordinación para imprimir avances sustanciales a los proyectos claves entre China y Argentina.

Además, el jefe de Estado chino ratificó su intención de trabajar "junto a su Excelencia, para llevar adelante sin cesar la asociación estratégica integral entre ambos países".

Por último, manifestó hacer "votos por su pronta recuperación", y le dio la bienvenida "para visitar China en fechas convenientes a ambas partes.

Fonte: http://www.clarin.com/politica/Xi_Jinping-Cristina-invitacion-China_0_1252674895.html

Crise da Argentina pode abrir espaço para a China

ALEXA SALOMÃO, JOSETTE GOULART - O ESTADO DE S.PAULO

03 Agosto 2014 | 02h 04

Enquanto exportações brasileiras tendem a cair quase 30% no ano, chineses ampliam parceria para vender sem que Argentina use dólar

A queda nas exportações brasileiras para a Argentina deve se acentuar ainda mais até o fim do ano em função do estado de calote que o país vive. Até julho, as vendas caíram 22,6% e, nas estimativas da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), esse porcentual pode chegar a 27%. Em contrapartida, teme-se que a competição com a China, que já não é fácil, se acirre.

Os chineses vinham aproveitando o momento de crise para ganhar espaço. No mês passado, durante a visita do presidente chinês, Xi Jinping, ao país, os chineses se comprometeram a investir US\$ 7,5 bilhões em hidrelétricas e liberar a compra de US\$ 11,5 bilhões em produtos chineses com pagamentos a serem feitos em yuan, a moeda chinesa.

Após o calote, o crédito deve ficar mais escasso, e os chineses podem aproveitar o momento para oferecer financiamento aos argentinos sob a condição de vender mais produtos ao país. "Eles têm reservas de trilhões de dólares e não teriam o menor problema para dar financiamento", diz o presidente da AEB, José Augusto de Castro.

O avanço chinês já prejudica setores como o de calçados. O Brasil, colega de Mercosul, já exportou US\$ 200 milhões em calçados para a Argentina. Neste ano, porém, deve vender pouco mais de US\$ 50 milhões. No primeiro semestre, as vendas caíram 39%. No entanto, as importações de outros países fora do bloco, em especial da China, cresceram 11,4% em receitas, chegando a US\$ 79,5 milhões.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Restrição. A redução do comércio entre os dois países se deu, em boa parte, pelas dificuldades que o próprio governo argentino impôs. Uma série de formulários passaram a ser exigidos. Entre eles, a Declaração Juramentada Antecipada de Importação, que nem é prevista nas regulamentações da Organização Mundial do Comércio (OMC) e visa a garantir a política do "uno por uno" - para cada dólar importado, um deve ser exportado. No mês passado, novos documentos da Receita Federal foram acrescentados à lista de exigências, tornando o processo ainda mais moroso.

"As restrições impostas pelo governo argentino levaram muitas empresas a suspender os negócios, mas agora o problema também é macroeconômico: a demanda vai cair", diz o diretor de negociações internacionais da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo(Fiesp), Mario Marconini.

O presidente da Câmara de Comércio Argentino- Brasileira de São Paulo, Alberto Alzueta, diz que o fluxo financeiro para o país deve cair e, com isso, o governo argentino tende a eleger a importação de itens mais essenciais, como energia e insumos, deixando importações dos manufaturados de lado.

Para o Brasil, neste momento em que a economia patina, a perda de espaço no mercado argentino piora o cenário do lado de cá da fronteira. A Argentina é o terceiro parceiro comercial do País e 90% das vendas são de bens manufaturados, como automóveis, máquinas e equipamentos, calçados e vestuário. A queda na demanda afeta, portanto, diretamente a indústria, que não vive um bom momento. A produção industrial brasileira caiu 1,4% em junho em relação a maio.

Foi o quarto mês seguido de retração e o pior resultado no ano, segundo o IBGE. Automobilístico. Para se ter uma ideia da importância do mercado argentino, cerca de 15% de toda a produção nacional de automóveis é destinada ao país vizinho. "Vai sobrar mais carro nos pátios", diz um executivo do setor. "E é bom lembrar que já estamos dando férias coletivas porque a demanda interna também está fraca."

As exportações de automóveis caíram mais de 30% neste ano e a expectativa é de que caiam mais. Mas os executivos do setor lembram que este já era um cenário difícil antes do anúncio do calote na quarta-feira. Os preços dos automóveis vinham subindo na Argentina cerca de 35% e enfraquecendo a demanda interna.

Com o calote, a situação piora. A indústria de máquinas, por exemplo, sofria menos. As vendas para a Argentina caíram pouco, menos de 2%. A expectativa agora é que a queda chegue a 4% até o fim do ano, segundo o presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), José Velloso Dias Cardoso. Isso fará com que a queda na produção brasileira,

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaoMercosul

antes prevista para 13%, aumente para 15%.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,crise-da-argentina-pode-abrir-espaco-para-a-china-imp-,1538064>

O GLOBO

<http://oglobo.globo.com/>

Agronegócios

China ultrapassa Brasil na importação de leite da Argentina

Agencia Estado

02/05/2014 10h50 - Atualizado em 02/05/2014 10h50

Buenos Aires, 02 - As exportações de leite da Argentina cresceram 50% no primeiro trimestre de 2014 ante o mesmo período de 2013, e atingiram US\$ 235 milhões, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec). O Brasil, mercado tradicional para o leite argentino, foi substituído pela China na terceira posição. O país asiático absorveu 6.056 toneladas do produto, depois da Argélia (14.812 t) e Venezuela (12.654 t). No período, o Brasil recebeu da Argentina 5.135 t, volume bem distante da cota acertada de 10.800/t a que a Argentina teria direito de colocar no mercado brasileiro, conforme acordo bilateral do setor privado.

O acordo que estipula uma cota mensal de 3.600/t foi prorrogado na última segunda-feira, 28, durante reunião da Comissão Nacional de Pecuária de Leite da Confederação de Agricultura e Pecuária(CNA) e do Centro da Indústria Leiteira (CIL) da Argentina, em Brasília. 'Queriam elevar a cota para 4.500 t, mas argumentamos que não tem sentido aumentar uma cota se não podem cumprir a que já está estabelecido', disse ao Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, o presidente da comissão brasileira, Rodrigo Alvim.

O Brasil queria reduzir o volume a 3.000/t mensais sob o argumento de que a produção nacional vai crescer 10% e há dúvidas sobre se o mercado consumidor acompanhará esse crescimento. 'Foi a segunda reunião. A primeira aconteceu em Rosario (Argentina), em março, e a conversa foi demorada. Mas nos comprometemos a prorrogar o atual acordo de 3.600', detalhou Alvim.

'Seria melhor que o Brasil comprasse mais leite da Argentina, mas o que observamos é que vem substituindo o leite argentino pelo uruguai', reclamou o gerente da CIL, Aníbal Schaller. Segundo ele, a pauta importadora brasileira de leite era 60% de origem argentina e 40% uruguai, agora mais da metade é do Uruguai. Ele reconheceu que seu país tem tido problemas com atrasos

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

burocráticos no processo de liberação de licenças de exportação e outros fatores que contribuíram para a perda de mercado no Brasil. Entre ele, os preços relativos.

Enquanto o Brasil paga entre US\$ 4.300 a US\$ 4.800 pela tonelada, a Venezuela, Argélia e China pagam entre US\$ 5.000/t a US\$ 5.200/t. 'Nesse último mês houve uma certa reativação do comércio com o Brasil, ao preço de US\$ 4.030/t', disse Schaller, ressaltando que a produção argentina também sofreu um retrocesso em torno de 2% neste quadrimestre, o que deixa menor volume disponível para exportação.

O executivo observou que a indústria local está preocupada com a retração da demanda brasileira, mas admitiu que o setor exportador 'busca canalizar as vendas para o mercado que paga o melhor preço'. Para o setor privado brasileiro, a posição dos sócios é interesseira. 'Se o consumo brasileiro dependesse do abastecimento complementar da Argentina, estaríamos com problemas', alfinetou Alvim. Ele disse que a 'Argentina só entende o Mercosul como uma via de mão única'.

'Quando convém exportar para o Brasil, exportam tudo, mas quando não convém, como por questão de preço, exportam para outros países', apontou. Ele recordou que em janeiro de 2009 a Argentina teve problemas de excesso de leite e despejou no mercado brasileiro 10.000/t. Por isso, foi feito um acordo de cotas em abril daquele ano, com um volume de 3.000/t.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2014/05/china-ultrapassa-brasil-na-importacao-de-leite-da-argentina.html>

FOLHA DE S.PAULO

<http://www1.folha.uol.com.br>

Mercado

Avanço da China sobre mercado argentino é fato, diz ministério

RENATA AGOSTINI, DE BRASÍLIA

13/05/2014 02h00

Para o governo, o avanço da China no mercado argentino, maior destino dos manufaturados do Brasil, é uma realidade que o país terá de enfrentar daqui em diante.

"O advento da China como grande ator no comércio internacional é um fato, um dado da realidade. Desejamos sempre vender e comprar mais da Argentina, mas uma série de motivos fazem com que a China entre nos mercados cada vez mais", afirmou à Folha o secretário de

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

comércio exterior, Daniel Godinho, do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior).

A participação do Brasil no mercado argentino ficou em 25% no primeiro bimestre. Há dez anos, era de 36%. Já a China terminou fevereiro com 18% de participação, contra 5% em 2005.

"Já tivemos um patamar maior, mas considero uma boa participação", disse Godinho, lembrando que o país segue com o posto de maior fornecedor de mercadorias aos argentinos.

Segundo ele, a China está tirando mercado "não só do Brasil". Ele afirmou que a perda de espaço ocorreu especialmente em 2012 devido a problemas comerciais pontuais como o término de contratos de aeronaves, a queda do preço do minério de ferro e a redução na produção de petróleo.

Neste ano, contudo, os fabricantes brasileiros voltaram a ter dificuldades. Até abril, a redução nas vendas chegou a US\$ 1 bilhão –ou 20% em relação a 2013.

Além do desaquecimento da demanda interna, os importadores argentinos enfrentam dificuldade para ter acesso a dólares. O problema vem fazendo com que o governo brasileiro negocie medidas com a Argentina para destravar as vendas.

COOPERAÇÃO

O MDIC espera avançar neste ano em seu programa de facilitação de comércio e se prepara para dar auxílio técnico e até mesmo financeiro a países em desenvolvimento interessados em desenvolver sistemas como o "portal único", lançado no mês passado.

O país firmou acordo com o Fórum Econômico Mundial, que escolheu a plataforma brasileira como modelo.

Godinho afirma que já houve consultas de países africanos e asiáticos sobre a possibilidade de parceria. No ano passado, os países-membros da OMC (Organização Mundial do Comércio) se comprometeram a adotar medidas de simplificação do comércio exterior, mas muitos não têm estrutura para fazê-lo.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1453402-avanco-da-china-sobre-mercado-argentino-e-fato-diz-ministerio.shtml>

FOLHA DE SÃO PAULO

<http://www1.folha.uol.com.br>

Mercado

China abocanha fatia do Brasil nas importações da Argentina

RENATA AGOSTINI, DE BRASÍLIA

19/04/2014 02h30

A crise econômica na Argentina vem batendo mais forte no Brasil do que em outros parceiros comerciais do vizinho, enquanto a China abocaña a fatia brasileira no mercado argentino.

Os produtos chineses mais que triplicaram sua participação nos últimos dez anos, segundo estudo feito pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) a pedido da Folha.

O Brasil chegou a responder por 36,5% de tudo o que os argentinos compravam do exterior, em 2005. No ano passado, tinha 26,5% –no primeiro bimestre deste ano, a fatia já caiu para 24,8%.

Os chineses são de longe os que mais avançaram no período, atropelando não só a indústria brasileira mas também a americana. Apesar dessa ofensiva asiática, a União Europeia também conseguiu ampliar sua fatia.

O movimento é preocupante diante da importância do mercado argentino, que consome do exterior essencialmente produtos industrializados. É para lá que vai a maior parte dos manufaturados, os bens mais elaborados da indústria brasileira.

Por essa razão, o mau desempenho na Argentina acaba tendo efeito significativo no resultado comercial do Brasil. No primeiro trimestre deste ano, a queda nas vendas para os argentinos representou mais de um quarto do tombo de US\$ 1,5 bilhão das exportações totais de manufaturados brasileiros.

"Estamos perdendo nosso mercado na América Latina. Nossa competitividade é colocada à prova a toda hora. Temos de ter preço e ampliar nossa relação com outros parceiros", diz Carlos Abijaodi, diretor de Desenvolvimento Industrial da CNI.

Dos 10 setores que mais exportam para a Argentina, 9 apresentaram queda nas vendas desde 2011, quando houve recorde nas exportações brasileiras para o país.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Se o país tivesse mantido a participação que detinha em 2011 no mercado argentino, teria US\$ 2,2 bilhões a mais em exportações no ano passado, aponta o estudo –o suficiente para quase dobrar o saldo comercial de 2013.

PEÇAS X PRODUTOS

Além da conhecida competitividade dos vendedores chineses, que oferecem preços baixos e têm acesso a farto financiamento à exportação, o perfil dos bens oferecidos pela China favorece a conquista do mercado de lá.

"Os produtos brasileiros ficaram mais caros. Além disso, o Brasil vende veículos e equipamentos acabados, as compras se ressentem mais. A China vende essencialmente peças", diz Matías Carugati, economista-chefe da consultoria argentina M&F.

As peças chinesas baratas viram produtos fabricados localmente. Não por acaso, um dos setores que mais perderam espaço na Argentina foi o de equipamentos eletrônicos e de informática. O país vizinho incentivou novas fábricas, o que fechou o mercado para os brasileiros.

A exportação de celulares, por exemplo, que chegou a US\$ 740 milhões, despencou para US\$ 200 mil em 2013. Segundo a Abinee, que representa o setor, multinacionais como Nokia e Samsung, que usavam o Brasil como base para a região, agora atendem só o mercado doméstico.

"O Brasil vem adotando uma paciência estratégica com o Mercosul e isso fez com que perdêssemos posições", avalia Humberto Barbato, presidente da entidade.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/04/1442731-china-abocanha-fatia-do-brasil-nas-importacoes-da-argentina.shtml>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Opinião

Avanço chinês na Argentina

08/ago/2014

Costuma-se atribuir à crise econômica da Argentina a significativa queda das exportações do Brasil àquele país verificada nos últimos tempos. Embora seja uma boa explicação, trata-se apenas de uma parte do problema, não só porque a crise parece atingir majoritariamente a importação de

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

produtos brasileiros, como porque a China está tomando cada vez mais o espaço comercial antes ocupado pelo Brasil no mercado vizinho.

O valor dos embarques da China para a Argentina dobrou em seis anos, segundo o jornal Valor, que usou estatísticas oficiais argentinas. A China já é o segundo maior exportador para a Argentina, com 15% do total, atrás do Brasil, com 26%.

Por conta da crise, a Argentina reduziu suas importações globais em 8% no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo intervalo de 2013, mas a compra de produtos chineses cresceu 2% naquele período. Mesmo as vendas do Nafta, bloco integrado por Estados Unidos, Canadá e México, cresceram 9%. Já as importações argentinas de produtos do Mercosul caíram 18%. A queda das vendas de produtos brasileiros foi ainda maior, atingindo 20,4%. Somente em julho passado, o recuo foi de 33,5%.

É ao Brasil, portanto, que cabe a maior parte da conta do ajuste argentino, pois o vizinho é um dos principais mercados consumidores dos produtos brasileiros, especialmente veículos e autopeças - cujas vendas para a Argentina caíram espantosos 57,6% no mês passado, apesar da renovação do acordo automotivo muito vantajoso para os argentinos.

A China entra no mercado argentino basicamente com bens de capital (máquinas e equipamentos) e bens intermediários (manufaturados ou matérias-primas usados na produção de outros bens). A Argentina ampliou em cerca de 10% a importação desses produtos chineses, enquanto reduziu as importações do Mercosul em 21% no primeiro caso e em 7% no segundo.

Essa realidade diz respeito tanto à situação precária da Argentina e à agressividade chinesa quanto à falta de competitividade brasileira e à teimosia do governo petista - que se mantém apegado a compromissos políticos e ideológicos com um vizinho que não se constrange em afrontar as regras do Mercosul quando elas não atendem a seus interesses.

Ao mesmo tempo que impõe diversos empecilhos para os negócios com os brasileiros e para que o Mercosul deslanche, a Argentina, no mês passado, transformou a China em "aliado integral", categoria que até então era reservada apenas ao Brasil.

Na recente visita que fez a Buenos Aires, o presidente chinês, Xi Jinping, firmou um acordo para financiar a reforma do sistema de transportes da Argentina - que receberá trens chineses - e para construir duas hidrelétricas, tudo a um custo de US\$ 75 bilhões. Além disso, ofereceu uma linha de crédito para importar produtos agrícolas argentinos, no valor de US\$ 11 bilhões.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

São esses investimentos e essa capacidade de financiamento, com os quais o Brasil não pode competir, que garantem à China condições privilegiadas quando negocia a venda de seus produtos à Argentina. Em alguns casos, os contratos de investimento chineses embutem a contrapartida da compra de seus produtos. Dispondo de mais de US\$ 3 trilhões em reservas, a China está confortável para oferecer financiamento aos argentinos, que enfrentam crescente escassez de dólares para fazer seus negócios.

Mas não é apenas o poder financeiro chinês que está fazendo a diferença. Some-se a ele a incapacidade do governo petista de tratar a relação com a Argentina de forma pragmática. Os erros da atual administração resultaram na excessiva dependência do mercado argentino, especialmente para a venda de veículos e autopeças. Sem observar os reais interesses nacionais, o governo petista vem cedendo a todas as chantagens argentinas nas negociações comerciais, pois acredita que, como "líder regional", deve ser benevolente com seus parceiros de Mercosul.

Enquanto isso, os chineses estão cada vez mais à vontade na Argentina.

Fonte: <http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,avanco-chines-na-argentina-imp-,1540700>

FOLHA DE SÃO PAULO

Mercado

Acordo para destravar exportações para Argentina foi concluído, diz ministro

RENATA AGOSTINI, DE BRASÍLIA

08/05/2014 16h13

O acordo com a Argentina para destravar as exportações brasileiras para o país foi finalizado, afirmou o ministro Mauro Borges (Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) nesta quinta-feira (8). Segundo ele, o governo vizinho se comprometeu a não impedir o acesso a dólares por parte dos importadores de veículos e autopeças.

Com isso, as vendas do setor automotivo, que representam mais da metade das exportações para os argentinos, ficariam garantidas. "O governo argentino concordou que o depósito das importações fosse feito à vista no banco central para posterior transformação em dólar. Uma vez que isso ocorreu, não resta nenhum problema. A conversão cambial é obrigação por lei e o banco central vai honrar essa obrigação" , afirmou.

DÓLARES

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A Argentina convive hoje com a escassez de dólares na economia. Com isso, os importadores do país passaram a ter dificuldades para honrar o pagamento das compras de produtos brasileiros. Com o acordo, os argentinos se comprometem a não impedir o acesso à moeda para as compras do setor automotivo.

Segundo apurou a Folha, ficou acertado a liberação dos pedidos atualmente em atraso e foi estabelecido um cronograma de desembolsos até o final deste ano.

Diante do entendimento, o sistema de garantias à exportação formatado pelo governo brasileiro ficará suspenso.

O modelo, que previa um prazo de pagamento de até quatro meses, só entraria em vigor se o governo argentino aceitasse bancar o risco cambial das operações, assumindo a dívida dos importadores argentinos ou emitindo títulos.

Os argentinos não aceitaram a proposta, que garantiria até US\$ 3 bilhões em exportações ao ano, e preferiram prometer ao Brasil a liberação dos dólares para as operações de compra de veículos e autopeças.

NOVO ACORDO AUTOMOTIVO

Os dois países ainda se debruçam, contudo, sobre as condições do novo acordo automotivo, que vence no final de junho.

Sem novo acordo, acabaria o livre comércio e a alíquota de 35% cobrada dos países fora do bloco passaria a incidir também sobre veículos e peças argentinos e brasileiros.

A proposta do Brasil é estendê-lo por mais um ano. Segundo o ministro, o prazo é suficiente para que um acordo definitivo seja elaborado.

O impasse está na definição do sistema conhecido como "flex" , que vigorava no acordo até o ano passado.

Ele estabelecia que, para cada US\$ 1 milhão em veículos argentinos exportados ao Brasil, as fábricas brasileiras poderiam vender até US\$ 1,95 milhão aos argentinos sem impostos.

Os argentinos pedem que o sistema seja novamente incluído, mas de forma mais restritiva. A proposta é que o Brasil fique isento de tarifas até US\$ 1,3 milhão em embarques, frente aos US\$ 1,95 milhão antes permitidos.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Borges afirma que a relação de 1,30 para o flex seria muito baixa e não daría conforto aos fabricantes brasileiros. Mas é otimista em relação às tratativas.

"É mais do que justo que os países defendam suas posições, mas temos condições de chegar a um acordo", disse.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1451368-acordo-para-destravar-exportacoes-para-argentina-foi-concluido-diz-ministro.shtml>

Argentina

CLARÍN

<http://www.clarin.com/>

Política

Cristina recibió una invitación oficial para visitar China

Relaciones internacionales.

La envió el presidente Xi Jinping. De realizarse, el viaje será en una "fecha a convenir".

El presidente de China, Xi Jinping, invitó a visitar su país a la presidenta Cristina Kirchner. En una carta dirigida a la Cancillería, el mandatario del gigante asiático habló de "una fecha a convenir" y, según informó Cancillería argentina, ratificó su intención de trabajar "para llevar adelante sin cesar la asociación estratégica integral".

Xi Jiping dedicó unas líneas, además, a desearle una pronta recuperación de la Presidente tras el cuadro de sigmoiditis.

El Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto recibió la misiva en la que el mandatario chino le extiendió a su par argentina sus "sinceras expresiones de solidaridad" y en la que además le asigó "suma importancia al desarrollo de las relaciones bilaterales" entre los dos Estados.

Asimismo, Xi Jinping recordó que el 29 de octubre mantuvieron una conversación telefónica en la que intercambiaron opiniones sobre "cooperación pragmática bilateral" y reveló que "últimamente, los organismos concernientes de ambas partes han mantenido estrecha comunicación y coordinación para imprimir avances sustanciales a los proyectos claves entre China y Argentina.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Además, el jefe de Estado chino ratificó su intención de trabajar "junto a su Excelencia, para llevar adelante sin cesar la asociación estratégica integral entre ambos países".

Por último, manifestó hacer "votos por su pronta recuperación", y le dio la bienvenida "para visitar China en fechas convenientes a ambas partes.

Fonte: http://www.clarin.com/politica/Xi_Jinping-Cristina-invitacion-China_0_1252674895.html

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul